

MONGÓLIA: VIAJANTES EM TRÂNSITO

Gínia Maria Gomes
(UFRGS)¹

RESUMO: A proposta deste artigo é refletir sobre a viagem em **Mongólia**, romance de Bernardo Carvalho. Pretende-se centrar a discussão no cotejo entre os diários do romance – o do diplomata e os do fotógrafo – e os relatos de viagem, procurando apontar, sobretudo, as similaridades que eles mantêm com essas narrativas. Nesse sentido, ênfase será dada à escrita em trânsito, que permite descrições mais exatas do *outro*, bem como o registro das próprias emoções que a vivência do momento suscita. Também será dado destaque às referências às dificuldades do percurso, o que constitui aspecto recorrente nessas narrativas. Além disso, será objeto de discussão a problemática da alteridade: olhar o *outro* a partir de suas diferenças, de seu exotismo seduz os viajantes de todas as épocas. Outra questão a ser investigada será o olhar do autóctone sobre os viajantes, também eles percebidos como estrangeiros, dado ao estranhamento que suscitam. Por

¹ Professora de Literatura Brasileira, no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, do Instituto de Letras da UFRGS. 90430-120 Porto Alegre, RS, Brasil.

último, ainda refere-se à comparação, principal recurso utilizado nessas crônicas para dar visibilidade ao mundo do *outro*.

PALAVRAS-CHAVE: Alteridade. Crônica de viagem. Exotismo. Outro. Viagem.

ABSTRACT: The main purpose of this article is to reflect about the travel in **Mongólia**, by Bernardo Carvalho. We intend to focus the analysis in the comparison between the diaries which are inside the novel – the diplomat’s and the photographer’s diaries – and the travel narratives, mainly looking for their similarities. Concerning that, the emphasis will be given to the transit writing, which allows more accurate descriptions about the *otherness*, as well as the recording of the singular emotions which come out in the very moment of living them. Another important issue to investigate is the references about the difficulties found in the way, which is a remarkable characteristic of these narratives. Besides that, we will bring up some topics about the alterity: to look the *otherness* starting from the differences, from the exotic has always fascinated the travelers from all periods. Moreover, we will analyze the native’s look at the travelers – which are seen as foreigners as well – because of the oddness brought with them. Finally, the comparison is referred along the novel and it is the main resource in texts like these in order to give visibility to the *otherness*’ world.

KEYWORDS: Alterity. Travel narrative. Exoticism. Otherness. Travel.

² Bernardo Carvalho é um escritor reconhecido nacionalmente, tendo uma vasta produção literária, constituída, sobretudo, de romances. Seu primeiro livro é **Aberração**, uma coletânea de contos, publicado em 1993; os demais são romances: **Onze** (1995), **Os bêbados e os sonâmbulos** (1996), **Teatro** (1998), **As iniciais** (1999); **Medo de Sade** (2000), **Nove noites** (2002), **Mongólia** (2003), **O Sol se põe em São Paulo** (2007) e **O filho da mãe** (2009).

Mongólia, de Bernardo Carvalho,² é fruto de uma viagem de dois meses em que o escritor percorreu o país que deu título ao romance. Para tal viagem ele recebeu uma bolsa da editora portuguesa Livros Cotovia, em parceria com a Fundação Oriente de Lisboa. O romance recebeu os prêmios APCA – Associação Paulista de Críticos de Arte, em 2003, e Jabuti, em 2004.

O tema da viagem, central em **Mongólia**, revela-se uma das temáticas recorrentes da literatura, presente em diversas narrativas clássicas.³ Segundo Wladimir Krysinski (2003, p. 22), esse tema constitui “um dos arquétipos temáticos e simbólicos entre os mais produtivos da literatura”. Mas é importante estabelecer a distinção entre a Viagem na Literatura e a Literatura de Viagens.⁴ A primeira refere-se à temática da viagem em obras ficcionais; a segunda é representada pelas crônicas de viajantes que percorrem países estrangeiros, experiência que eles relatam em diários, em geral escritos no decorrer da jornada. Estas narrativas proliferaram, sobretudo, a partir do Renascimento, devido aos movimentos expansionistas que levaram às descobertas. Nelas, se alternam descrições da terra e do homem – aspecto físico, usos e costumes ou organização social. O *outro* é descrito seja pelas marcas de diferença, seja pelas semelhanças que apresenta em relação ao mundo de onde o viajante é oriundo. É importante ressaltar que a Literatura de Viagens não se restringe às viagens de descobrimento, mas também engloba

³ A um breve olhar inúmeros textos acorrem imediatamente: **Odisséia, A divina comédia, Os lusíadas, Dom Quixote, Viagens de Gulliver, As cidades invisíveis, Jangada de pedra**. Embora a lista não esteja completa, ela permite observar que a temática está presente em inúmeros textos clássicos. No caso da Literatura Brasileira, o tema também é recorrente, o que demonstram romances como **Macunaíma, Vidas secas, Grande sertão: veredas, Sargento Getúlio** e, ainda para referir algumas narrativas do século XXI, **O sol se põe em São Paulo, Budapeste, Estive em Lisboa e lembrei de você**. A lista poderia se estender, mas paramos por aqui.

⁴ Fernando Cristóvão (1999, p. 35) assim define a Literatura de Viagens: “entendemos [esse] subgênero literário que se mantém vivo do século XV ao final do século XIX, cujos textos de caráter compósito, entrecruzam Literatura com História e antropologia, indo buscar à viagem real ou imaginária (por mar, terra e ar) temas, motivos e formas.”

viagens de peregrinação, viagens de comércio, viagens de lazer e, ainda, viagens imaginárias.

As duas perspectivas – a Viagem na Literatura e Literatura de Viagens – estão manifestas em **Mongólia**. O tema do romance é uma viagem: a realizada por um diplomata, em missão extra-oficial, que vai procurar um fotógrafo que teria se perdido nos Montes Altai, interior da Mongólia. Mas no romance também estão presentes os diários de viagem desse diplomata e os do fotógrafo desaparecido. E são esses diários que serão objeto desse artigo. Mais especificamente, nas similaridades e diferenças que eles mantêm com as crônicas de viagem, que tanto seduziram os leitores ao longo dos séculos.

É importante afirmar que o romance é muito mais complexo que essas crônicas de viagem. E essa complexidade fica imediatamente evidente ao considerar-se que em **Mongólia** se cruzam as histórias de três personagens: a do ex-embaixador do Brasil na China que, ainda chocado com a morte de um diplomata, com quem trabalhara quando no exercício da profissão, vai procurar os papéis que este deixara em Pequim quando abandonara a carreira; a desse diplomata, denominado Ocidental, que viaja para a Mongólia em missão secreta, com a incumbência de encontrar um fotógrafo desaparecido; e a do próprio fotógrafo, que se perdera nos Montes Altai.

O ex-embaixador, que daqui em diante se denominará apenas narrador, de posse dos diários do Ocidental e do fotógrafo desaparecido, narra a viagem do diplomata, cujo percurso pretende ser o mesmo feito pelo fotógrafo, seis meses antes. Na sua narrativa, baseada nesses diários, ele ora relata a viagem fazendo intervenções pessoais, com observações e avaliações próprias, ora dá voz aos dois viajantes, a cada passo citando os dois diários. É preciso afirmar que o narrador, ao seguir de perto a viagem do diplomata, está atento às suas ações. Entre elas, dá destaque ao fato de que ele, antes de iniciar o seu percurso e no

decorrer do mesmo, lê os diários do fotógrafo desaparecido. Dessa forma, essas três vozes se cruzam no texto: a do narrador, a do diplomata e a do fotógrafo desaparecido. Cada uma dessas vozes narrativas é apresentada com grafias diferentes.⁵

O que interessa neste artigo são os diários, os quais se pretende aproximar das crônicas de viagem, uma vez que apresentam várias de suas características. E a primeira aproximação que se pode fazer está no formato de diário desses textos. Além das observações do narrador, que explicita se tratar de diários, a citação dos trechos, principalmente daqueles do diplomata, permite observar-se a retomada de alguns aspectos desses relatos: assinalar datas e marcar os percursos é, de fato, o que se destaca imediatamente. A semelhança com as crônicas de viagem não para aí. Ressalta-se, então, a escrita em trânsito, recorrente nessas crônicas, sobretudo nas produzidas pelos viajantes naturalistas. Flora Süssekind (1990, p. 143) refere-se à importância de se escrever no “calor da hora”, o que permite uma maior “exatidão das descrições e observações relatadas”. Em **Mongólia**, o relato é feito em trânsito e, muitas vezes, é objeto de comentário. Em relação ao fotógrafo, Ganbold, o guia que o conduziu na sua primeira incursão pelo país aponta justamente para essa preocupação em descrever as impressões da experiência em trânsito: “É o diário dele. Quero dizer, o diário da viagem que fez comigo, de Khövsgol até o Gobi do sul. Deve haver outro, em que ele transcreveu os últimos dias antes de desaparecer. Porque anotava tudo. [...]” (CARVALHO, 2003, p. 36). Também o diplomata escreve em trânsito e, em algumas ocasiões, refere-se a isso: “Continuo escrevendo para disfarçar.” (CARVALHO, 2003, p. 141). Essa escrita em trânsito também implica o transcrever para o diário as emoções que afloram a cada passo, sejam elas de irritação, de

⁵ Essas diferentes vozes narrativas não se constituem em objeto desse artigo, por isso não se preservará as diferentes grafias nas citações.

tristeza, de alegria e de surpresa. O diplomata, cuja jornada tem um objetivo específico – encontrar o fotógrafo –, constantemente manifesta irritação com a lentidão da viagem, imposta pelos costumes locais em franco desacordo com a sua pressa. Em uma dessas ocasiões, a necessidade de visitar uma iurta desencadeia a sua reflexão: “‘Está nos convidando para entrar.’ Não tenho alternativa. Não posso dizer que estou com pressa. Terei que me acostumar. Tudo é lento por aqui.” (CARVALHO, 2003, p. 117). O narrador que leu o diário na íntegra, observa esse estado de constante irritação do diplomata, consequência do encaminhamento da viagem: “O Ocidental seguia com uma irritação contida, esperando a primeira oportunidade para mostrar ao guia o seu desagrado com aquela situação em que se via enredado contra a vontade.” (CARVALHO, 2003, p. 114).

Ao lado do formato diário dessas narrativas, outro aspecto que aproxima *Mongólia* dos relatos de viagem é a referência às dificuldades do percurso, constituindo-se a alusão às travessias penosas em um *topoi* do gênero (SUSSEKĪND, 1990, p. 60). É na narrativa do fotógrafo que esse aspecto está presente. O difícil percurso, ao dirigir-se para o povoado onde se encontram os “tsaatans” (criadores de renas que estão em extinção), é objeto de comentários. No diário, faz o relato das agruras dessa travessia, realizada a cavalo: “O caminho pela taiga é difícil, cheio de pedras, buracos e lama.” (CARVALHO, 2003, p. 40). Mais adiante, são os seus joelhos que doem e os mosquitos que o perturbam: “Meu estribo está no último furo e ainda assim continua demasiado curto. Logo meus joelhos começam a doer. Para completar, os mosquitos são vorazes.” (CARVALHO, 2003, p. 41-42). Antes mesmo de atingir o povoado, reitera: “O caminho de fato é inacessível. Meus joelhos estão em frangalhos, e ainda não chegamos nem na metade.” (CARVALHO, 2003, p.42). Muitos não se submetem a essa travessia penosa e fazem o percurso de helicóptero.

Um dos aspectos mais importantes e característicos dessas crônicas e, claro, dessas viagens é a busca daquilo que representa a

alteridade em relação ao lugar de onde esses viajantes são oriundos. Essas diferenças, muitas vezes exóticas, se constituem em um dos artifícios recorrentes, pois leitores ávidos ansiavam por esses países distantes. Os diários do diplomata e do fotógrafo, da mesma forma que esses relatos, também procuram mostrar esse mundo diferente com o qual se deparam em suas respectivas viagens, com vistas a compreendê-lo. Sobretudo o interior da Mongólia, por onde transitam, é permeado por uma cultura em tudo diversa. E aqui se destaca o nomadismo, cuja essência eles buscam apreender. A percepção de que ao contínuo movimento exterior se sobrepõe a fixação e o rigor de uma tradição que precisa ser preservada, como “condição de sobrevivência”, parece essencial. As palavras do diplomata são claras em relação a esse aspecto:

Apesar da aparência de deslocamento e de uma vida em movimento, fazem sempre os mesmos percursos, voltam sempre aos mesmos lugares, repetem sempre os mesmos hábitos. O apego à tradição só pode ser explicado como forma de sobrevivência em condições extremas. A ideia de ruptura não passa pela cabeça de ninguém. As estradas só se tornam estradas pela força do hábito. O caminho só existe pela tradição. É isso na realidade o que define o nomadismo mongol, uma cultura em que não há criação, só repetição. Decidir-se por um caminho novo ou por um desvio é o mesmo que se extraviar. E, no deserto ou na neve, esse é um risco mortal. Daí a imobilidade dos costumes. Os dois motivos (losangos ou círculos entrelaçados) que sempre se repetem na decoração das portas, portões, móveis, tapetes etc., por toda a Mongólia, representam o infinito e o casamento, o que só confirma a obsessão pela estabilidade e pela tradição numa sociedade que em aparência é completamente móvel, a ponto de não haver espaço para nenhum outro movimento. (CARVALHO, 2003, p. 138)

Essa repetição se estende a todas as coisas e as iurtas não escapam desse apego à tradição. O diplomata, cuja viagem é marcada pela pressa de encontrar o fotógrafo, não manifesta prazer com a necessidade de cumprir o ritual de visitar aquelas por onde

passa. Já o fotógrafo, cuja viagem tem por objetivo fotografar o país, consegue perceber o diferencial que se destaca das repetições:

Entre os nômades, o interessante não é o sistema e os costumes, que são sempre os mesmos, mas os indivíduos. A graça de visitar as iurtas é a surpresa do que se vai encontrar, a diversidade dos indivíduos que ali estão fazendo as mesmas coisas. O nomadismo em si não tem nenhuma graça. A mobilidade é só aparente, obedece as regras imutáveis e a um sistema e a uma estrutura fixos. São as pessoas.” (CARVALHO, 2003, p. 138)

Nas crônicas de viagem, tudo o que é desconhecido precisa ser submetido à descrição, para que o possível leitor possa visualizar o que é apresentado. Este é o caso das iurtas, que o fotógrafo assim descreve:

As iurtas – ou gers, em mongol – são tendas circulares, com estrutura de hastes de madeira, cobertas por uma camada de feltro no interior, outra intermediária com tecido impermeável ou plástico e por último uma lona branca, que funcionam como isolantes no calor ou no frio. Mantêm o frescor no verão de trinta graus e o calor no inverno de menos trinta. [...] A porta, de madeira, fica sempre virada para o sul, por causa do sol provavelmente. Há todo um cerimonial e uma série de regras de comportamento para quem entra numa iurta, a começar pela interdição de bater na porta, que é sagrada. Bater indica hesitação do viajante e, por conseguinte, constitui uma ofensa aos moradores, como se ele não os considerasse dignos de recebê-lo. Fáceis de montar as iurtas são ideais para os nômades. (CARVALHO, 2003, p. 39)

Esse exemplo é bem interessante. As iurtas se constituem em algo completamente novo para esse viajante, no caso o fotógrafo, pois elas não existem no seu país de origem. Então, ele tem necessidade de fazer essa descrição minuciosa, para dar-lhes

visibilidade e, assim, mostrá-las ao leitor, permitindo o estímulo da imaginação.

Os costumes seguem uma tradição, sempre mantida. Nas iurtas, por exemplo, há um ritual de hospitalidade para com os recém-chegados que é preservado. A estes é sempre oferecido chá salgado com leite e um prato de sopa, que o hóspede deve aceitar, mesmo que tenha acabado de fazer a refeição. O diário do diplomata refere inúmeras vezes essas visitas às iurtas, nas quais tinham que entrar e submeter-se ao ritual, conforme suas próprias palavras: “A cada nova iurta somos obrigados a aceitar o que nos oferecem, mesmo que tenhamos acabado de almoçar.” (CARVALHO, 2003, p. 124).

Também o ritual da despedida, por marcar a diferença, é mencionado no diário do diplomata. Ele faz esse registro nas duas ocasiões em que se deparou com esse cerimonial. Então comenta que, quando as despedidas são entre mães e filhos, o cheirar substitui o tão característico beijo dos ocidentais; ou, quando entre parentes, segurar os braços e a “intensidade no olhar”:

Na Mongólia, as mães cheiram os filhos no rosto, em vez de beijá-los. Purevbaatar se curvou, e a mãe o cheirou dos dois lados do rosto, na altura das orelhas. O pai apenas lhe segurou os braços, pelos cotovelos, como se o apoiasse. Era o mesmo cumprimento de parentes que se encontram pela primeira vez depois de um ano novo lunar, comemorado em fevereiro, como na China. Havia intensidade no olhar, mas os gestos eram econômicos. (CARVALHO, 2003, p. 113-114)

No entanto, o universo do *outro* nem sempre é permeável à compreensão. Muitas são as circunstâncias em que o sentido de determinadas condutas escapa à percepção do olhar do viajante. De acordo com Krysinski (2003, p. 25), “a viagem não pode senão dramatizar e problematizar esta não permeabilidade dos universos representados. O outro é tão outro que jamais poderei conhecer.”

É com essa não-permeabilidade que se depara o diplomata em diversas ocasiões. Em uma delas, quatro homens estacionam o carro próximo da sua barraca, depois de darem explicações pouco convincentes, vão se banhar no lago, que está gelado. O diplomata os considera uns “sujeitos estranhos” (CARVALHO, 2003, p. 140). Em seguida eles se embebedam, o que é determinante para a tensão desse viajante. Ele mesmo tem consciência da sua dificuldade de entender o *outro*:

Como não entendo os códigos locais, começo a ficar apreensivo. [...] Purevbaatar diz que não preciso me inquietar, mas a situação é tensa. Talvez queiram estabelecer algum tipo de contato, mas são muito intrusivos. [...] Tento me convencer de que o intruso é gentil, mas a diferença cultural cria uma tensão permanente. Na incompreensão, só me resta escolher entre o paternalismo e o medo. Começo a entrar em pânico. Continuo escrevendo para disfarçar. [...] Começo a achar que é um assalto. [...] É uma noite tensa. (CARVALHO, 2003, p. 140)

Sem conseguir apreender as intenções do *outro*, faz projeções subjetivas ao que está acontecendo. E aqui novamente as palavras de Kryszinski (2003, p. 23), que apontam justamente para essa questão, são esclarecedoras: “Esses relatos e essas formas são conduzidos por um discurso que insere sua subjetividade na objetividade do real, do histórico, do social e do político.” Incapaz de compreender, faz suposições, as quais estão associadas aos códigos sócio-culturais de onde ele é oriundo, o que está explícito no seu temor de que aquela circunstância se transforme em um assalto, pois no seu país de origem – Brasil – uma situação similar poderia ter tal desfecho. Sua interpretação segue as conjecturas subjetivas, pois, esse real “não permeável” foge a sua compreensão. A mesma incompreensão do *outro* está transparente em diversas circunstâncias. Registre-se a ocasião em que, ao visitar uma iurta, as atitudes de alguns homens bêbados põem em destaque a sua ignorância dos códigos: “[...] os homens estão bêbados, prontos

para se atracarem. Tenho a impressão de que podem ficar violentos de uma hora para outra. De vez em quando se desentendem e saem gritando de uma das iurtas. Não sei o que dizem. Pode ser brincadeira. Pode não ser.” (CARVALHO, 2003, p.125). Novamente aqui ele não entende os códigos do *outro*, daí as duas possibilidades opostas de interpretação que se impõem imediatamente. A mesma incompreensão ocorre em relação ao guia ao longo da viagem, pois os seus gestos, palavras e ações fogem a enquadramentos e abrem a diferentes interpretações. Na circunstância em que Purevbaatar o “aconselhou” a “desfrutar a cidade” (CARVALHO, 2003, p. 111), ele expõe os seus limites: “Era impossível saber onde terminava a ingenuidade e começava a ironia do guia, e mesmo se havia alguma ironia.” (CARVALHO, 2003, p. 111). Ao longo do percurso, o diplomata ressalta essa dificuldade de abarcá-lo, de saber as suas intenções e mesmo de entender o roteiro escolhido pelo guia; some-se a isso o óbice da língua, que ele não conhece, o que contribui para a sua desconfiança, o que afirmações como “não confio no que ele diz ou traduz” (CARVALHO, 2003, p. 119) e é “impossível saber se estou sendo enganado ou não” (CARVALHO, 2003, p. 119) evidenciam. Por isso, a sensação de estar sendo iludido: “Fico com a impressão de estar avançando numa rede de mentiras que se autorreproduz.” (CARVALHO, 2003, p. 147).

O *outro*, mesmo que imune a definições e delimitações, seduz os viajantes, que se encantam pela alteridade que eles representam. E, nesse quesito, cabe lembrar a recorrente alusão à nudez dos índios, pela qual os estrangeiros que percorreram o Brasil, entre os séculos XVI e XVII, ficavam obcecados. Basta lembrar o primeiro documento sobre o país, a *Carta a El-Rei*, de Pero Vaz de Caminha (1996, p. 82), quando os portugueses mostram-se obnubilados diante das mulheres nuas, em estado de total encantamento: “[...] e suas vergonhas tão altas e tão limpas das cabeleiras que, de muito bem olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha.” Ou o ritual antropofágico, cuja essência apenas alguns poucos viajantes conseguiram compreender. Generaliza-se, então, a não

permeabilidade do ritual, do que decorre, segundo Ana Maria Belluzo (2000, p. 61), um esvaziamento do seu sentido original, posto que interpretado sob o prisma dos temores e subjetividade dos viajantes:

A imagem da destruição do corpo por outro homem era percebida como ameaça pelo europeu, e a carne humana cozida no moquém poderia dar a impressão de uma simples cultura culinária americana, sendo omitido o sentido original da carne do inimigo para estimular a bravura guerreira necessária à tribo e à aquisição dos poderes do inimigo.

Nudez e antropofagia eram assuntos recorrentes nas crônicas dessa época. Agora, nesse outro tempo, nesse tempo de globalização, a busca se transforma, mas ainda assim permanece a sedução pela alteridade. Em **Mongólia**, nos diários do fotógrafo, ao explicar a razão de determinado percurso, essa questão fica em destaque: “Meu objetivo é fotografar os “tsaatan”, criadores de renas que vivem isolados na fronteira com a Rússia, entre a taiga e as montanhas. Estão em vias de extinção.” (CARVALHO, 2003, p. 40). Ou seja, está em busca de um grupo que representa a alteridade. É o que também procura o viajante francês que, já de retorno do encontro com os tsaatan, revela a sua decepção. A pergunta do fotógrafo arguindo-lhe “se ele esperava encontrar bons selvagens” (CARVALHO, 2003, p. 42), deixa transparente a expectativa do francês: a de ainda poder deparar-se com um grupo imune às insurgências da globalização. Ao contrário, sabedores da sua própria condição, alguns desses tsaatans até procuram tirar proveito dela, como faz uma das famílias “que fatura em cima dos eventuais turistas, posando de modelo de exotismo para não decepcionar a expectativa dos olhares ocidentais.” (CARVALHO, 2003, p. 43). Mas a esse exotismo sobrepõe-se a realidade de decadência e pauperização desse grupo, que o fotógrafo percebe. Além disso, a consciência da situação crucial

em que vivem desconstrói a imagem do exotismo: “E o contato com o mundo exterior, depois da queda do comunismo no início dos anos noventa, só os fez enxergar a própria miséria.” (CARVALHO, 2003, p. 43). A ideia é repetida em outro trecho citado de seu diário: “A abertura do país com a queda do comunismo lhes permitiu confrontar a própria pobreza com a riqueza dos turistas.” (CARVALHO, 2003, p. 172)

Essa percepção do fotógrafo contradiz uma imagem que se consolidou ao longo dos séculos, a qual pressupunha a representação da Ásia como “*locus* do maravilhoso”, construída por viajantes que a mostravam como “zona maravilhosa povoada de monstros, impérios e riquezas.” (GIUCCI, 1992, p. 67). Através das crônicas de viagem, esse imaginário, que “emana da própria projeção europeia” (GIUCCI, 1992, p. 80), se sedimenta:

E dessa projeção derivam formas híbridas, riquezas infinitas e impérios poderosos localizados em lugares semiexplorados, mas que se espalham como um fantasma pelo Velho Mundo. Maravilhas que despertam o assombro do europeu, que lhe revelam os mistérios do mundo e o subtraem da trivialidade cotidiana.

Ao contrário do “*locus* maravilhoso”, das apregoadas “riquezas” e maravilhas” das narrativas dos cronistas, em **Mongólia** é a realidade da miséria que se impõe ao olhar desses viajantes. Quando da viagem do diplomata, esta conjuntura é agravada pelas condições climáticas do último inverno, que, devido ao seu extremo rigor, ocasionou a perda dos rebanhos: “Os criadores de camelos perderam um quinto da cáfila durante o inverno. Não têm mais o que fazer. Dormem e bebem. É um lugar desagradável, uma vida difícil. Quando não é o calor do verão, é o frio impossível do inverno.” (CARVALHO, 2003, p. 123). Esta perda deixou os homens sem atividade e sem possibilidade de escolha, por isso “não lhes sobrou muito a fazer além de beber e

dormir para vencer o calor das tardes modorrentas, recolhidos nas iurtas castigadas pelo vento.” (CARVALHO, 2003, p. 124). Ao maravilhoso tão característico das crônicas de viagem, se sobrepõe a problematização de uma realidade pobre, de homens sem perspectiva, que se entregam à bebida para amenizar as agruras de um cotidiano sem atividade. Embora desconstruindo imagens consagradas, esse mundo que percorrem se revela como *outro*, pois completamente diferente daquele de onde são oriundos.

Enquanto a pauperização dos nômades desconstrói uma imagem consagrada ao longo dos séculos, a natureza recebe atributos que a singularizam. Ao longo de sua viagem, o diplomata mostra-se surpreso e, muitas vezes, extasiado com sua beleza e mobilidade. Em alguns momentos, inclusive, a sua observação coincide com a que ele leu no diário do fotógrafo: “A paisagem é incrível. É verdade o que ele escreveu sobre as nuvens, no diário. As nuvens correm pelas estepes.” (CARVALHO, 2003, p. 114). Ou seja, no trecho lido, não disponibilizado ao leitor, ele apenas apõe a sua concordância, não sem antes mostrar a sua admiração pelo que tem diante dos olhos. Mais adiante, o seu assombro é reforçado pelo elemento comparativo, que coloca essa paisagem como a mais bela: “É a paisagem mais bonita que eu já vi. [...] Embora não haja grande variedade de vegetação, somos surpreendidos a cada minuto pela mudança de relevo. Basta fazer uma curva para tudo mudar de figura, e o que era vale vira montanha e o que era deserto vira estepe.” (CARVALHO, 2003, p. 116). Aqui, a beleza está associada à mobilidade dessa paisagem, que está sempre apresentando aspectos diferentes. De Ekhen Belchir, lugar por onde ele passa, ele afirma ser “um local espetacular”. (CARVALHO, 2003, p. 118). São muitos os adjetivos a que ele recorre, mas todos eles reforçando essa ideia de singularidade daquilo que seu olhar divisa, como ocorre em outro momento: “A vista é assombrosa, como se toda a paisagem tivesse sido coberta por um tapete esverdeado [...]” (CARVALHO, 2003,

p. 120). E quase como uma conclusão, ele engloba toda paisagem por onde transita: “A vista, como sempre, é fabulosa.” (CARVALHO, 2003, p. 133). Neste aspecto, percebe-se a proximidade com os relatos de viagem. E aqui basta lembrar a *Carta a El-Rei*, de Caminha (1996, p.97), cuja imagem da terra de que “querendo aproveitá-la, tudo dará nela, por causa das águas que tem”, teve um longo percurso na Literatura Brasileira. Da mesma forma, outros viajantes procuraram mostrar as singularidades do país e, nesse sentido, procuraram ressaltar a sua surpresa e admiração diante da terra. O título da narrativa de André Thevet – **As singularidades da França Antártica** - é exemplar, pois mostra o quanto esses viajantes tinham interesse em exibir aquilo que individualizava os espaços por onde transitavam.

Outra questão presente no romance e nos relatos de viagem é o olhar dos autóctones sobre os viajantes. Aqui a perspectiva se desloca: em vez de o mundo por onde transitam apresentar-se como *outro*, são os próprios viajantes que se transformam em *outro* para os habitantes deste mundo. É principalmente no diário do diplomata que a questão aparece de forma recorrente, sendo a cada passo apresentada (talvez porque é essa viagem que o narrador acompanha). Ao longo de seu trânsito ele se depara com circunstâncias em que os olhares convergem para a sua figura. Uma delas é quando, ainda em Ulaanbaatar e, portanto, na capital do país, ele torna-se objeto dos olhares, os quais o põem na condição de *outro*: “Ao perceberem os dois visitantes que entravam, todos os olhares se voltaram para o Ocidental, como se ele fosse um extraterrestre.” (CARVALHO, 2003, p. 53). Em outra ocasião, em uma iurta, enquanto toma o tradicional chá, sente-se observado: “Os dois me fitam sem o menor constrangimento. [...] De vez em quando, sinto um olhar sobre mim que, no entanto, logo se desvia quando o enfrento.” (CARVALHO, 2003, p. 117). Na continuidade da viagem, o motorista de um caminhão intercepta a estrada e, ato contínuo, desce do veículo: “Apesar dos óculos escuros posso garantir que não tira os olhos de

mim. [...] Está bêbado, como os outros três, que me devoram com os olhos [...]”. (CARVALHO, 2003, p. 118). Em outro momento, ao olhar se sobrepõe a preocupação com a alimentação deste estrangeiro, o que mais uma vez o coloca em uma posição distanciada, ressaltando a sua alteridade: “Purevbaatar me diz que estão preocupados comigo. Não sabem como se comportar diante de mim nem o que dar de comer a um ocidental.” (CARVALHO, 2003, p. 120). Nos trechos do seu diário disponibilizados ao leitor, são muitas as oportunidades em que é objeto dos olhares, muitas vezes insistentes, o que mostra a diferença que ele está representando entre os nômades. Além dos fragmentos que se podem ler no seu diário, também o narrador reforça essa questão, mostrando o quanto estes olhares eram insistentes, colocando-o na condição de estrangeiro: “E até o final da viagem não lhe faltariam ocasiões para se acostumar com os bêbados e os curiosos que nunca tinham visto um estrangeiro e o devoravam com os olhos ao vê-lo pela primeira vez.” (CARVALHO, 2003, p. 118).

Por outro lado, não se pode esquecer que é chamado de Ocidental pelos nômades, haja vista a dificuldade de pronunciarem o seu nome, fato este que também denota a sua condição de estrangeiro nesse mundo e, portanto, com as marcas da alteridade em relação aos autóctones. A condição de *outro* do Ocidental também aproxima o romance de Bernardo Carvalho das crônicas de viagem, pois nelas esta é uma questão recorrente. Maximiliano de Wied Neuwied é um desses viajantes que é objeto de “grande curiosidade”, dado o estranhamento que ele e seu grupo representam. Observe-se o trecho:

Todo o mundo se juntou para nos olhar com um ar estupefato, e foram mesmo chamar a gente das vizinhanças para vir examinar a grande curiosidade que acabava de chegar às suas moradas. Esses homens apalpam nossos cabelos, perguntaram-nos se sabíamos ler, escrever rezar, se éramos cristãos, que língua falávamos: não nos deixaram sossegar senão quando lhes demos provas de nossa habilidade em

assuntos diversos. A presteza com que escrevíamos, os nossos livros de gravuras, as cores e os desenhos, bem como as nossas espingardas de dois canos, que lhes mostráramos, todos esses objetos causaram-lhes grande espanto; acabaram por declarar que a nossa situação era bem superior a deles, porque estávamos em condições de poder conhecer o mundo; em seguida unanimemente observaram que havia no mundo homens bem singulares, que não temiam se expor às fadigas e perigos de longas viagens, para buscar, nos países longínquos, pequeninos insetos, que se maldiziam no lugar e pequenas plantas, que só são procuradas por vacas. (NEUWIED, 1940, p. 407-408)

O interessante do trecho é que o contato e o reconhecimento do *outro* permite que a população local se volte sobre si mesma e proceda a uma autoavaliação. Esta reflexão certamente seria impossível sem esse olhar. Outros viajantes vivenciam situações similares, sendo vistos com estranhamento pela população local e, muitas vezes, com certa desconfiança, mas sempre com curiosidade.

Conforme se tem reforçado ao longo dessa discussão, as crônicas de viagem se reportam a uma realidade diversa daquela de onde o viajante é oriundo. Nessa conjuntura, ele se depara com o problema de “traduzir a diferença” (HARTOG, 1999, p. 229). Segundo François Hartog (1999, p. 229), há procedimentos retóricos à disposição daquele que se propõe a essa tarefa. Assim sendo, para dizer o *outro*, para dar-lhe visibilidade em um contexto diverso, no qual ele é desconhecido, faz-se necessário recorrer ao que o autor denomina “retórica da alteridade” (HARTOG, 1999, p. 229). Entre os recursos comumente utilizados, destaca-se principalmente a comparação. Ao comparar o desconhecido com o conhecido, há uma operação de tradução, pois “filtra o outro no mesmo” (HARTOG, 1999, p. 245). Este mecanismo é recorrente nas narrativas de viagem. Às vezes, essas comparações levam a criação de verdadeiros monstros, como as narrativas da época da colonização demonstram. Em Pero de Magalhães Gândavo (1980, p. 104) esse processo é utilizado com frequência.

Observe-se a sua descrição das Antas: “Também há uns animais que se chamam Antas, que são de uma feição de mulas, mas não tão grandes, e tem o focinho mais delgado, e um beijo comprido à maneira de tromba.” É esse tipo de descrição que percorre essas crônicas. É uma forma de tornar o desconhecido conhecido. As “Antas” não são conhecidas. Então ele tenta mostrá-las a partir daquilo que faz parte do mundo do seu possível leitor. E isso é feito através da comparação. É o mesmo procedimento que aparece em *Mongólia*, no diário do diplomata. Diante de um inseto ignorado até então, a comparação é o principal recurso para dar-lhe visibilidade:

Nessa região, além da infestação de moscas, há um inseto que não podia ser mais atemorizante, apesar de me garantirem que é inofensivo. Parece desenho animado. É uma espécie de vespa. Lembra um beija-flor, com um ferrão no lugar de bico. O ferrão tem o mesmo comprimento que o corpo. O inseto fica zumbindo com o ferrão apontado para a sua cara. Se é tão inofensivo, para que o ferrão? (CARVALHO, 2003, p. 134)

Por ser um inseto nunca visto anteriormente, ele parte daquilo que é conhecido, apropriando-se de características que lhe permitem representar o diferente. Essa descrição seria inviável sem a aproximação com a vespa e com o beija-flor, dando destaque a algumas similaridades entre eles. Registre-se também a descrição de um outro inseto, em que o procedimento é similar:

Entre os insetos rasteiros, havia um que parecia uma enorme barata selvagem, bojuda e sem asas, com uma couraça cinza esverdeada e cauda em forma de anzol, que lembrava um enorme ferrão. Andava desajeitado entre as pedras, como um brinquedo de pilha desgovernado. Subia nas barracas, arranhando o náilon com as patas e fazendo um barulho irritante à noite. O aspecto era dos mais repulsivos, mas

Purevbaatar garantia que o bicho era inofensivo. Não sabia o nome. As crianças o chamavam de “helicóptero”. (CARVALHO, 2003, p. 151)

Para dar visibilidade ao inseto, ele recorre à barata, porém imediatamente a submete à deformação, o que salienta o quanto a similaridade é relativa, constituída apenas de alguns poucos aspectos. Por isso mesmo, essa comparação não dá conta da descrição do inseto, daí a necessidade de buscar outro elemento comparativo – o “brinquedo de pilha desgovernado” – para traduzir o diferente, o desconhecido. Esse recurso é utilizado não apenas para a descrição dos insetos, mas para qualquer aspecto da realidade que seja novo para o viajante. Aqui se inclui também a indumentária: “Também havia casais que conversavam na esquina, vestido com *dels* coloridos de verão, uma espécie de manto amarrado na cintura, o traje típico dos mongóis.” (CARVALHO, 2003, p. 38). Esse procedimento, repetido muitas vezes na narrativa, é fundamental para a visualização daquilo que é desconhecido, ou seja, daquilo que não existe no mundo do viajante.

A discussão, que procurou dar ênfase a algumas similaridades entre os dois diários de **Mongólia** e os relatos de viagem, não esgotou a questão. Outros aspectos, que sequer foram tangenciados, poderiam ter sido objeto de análise. De qualquer forma, os diários desse romance, que se apresentam como diários de viagem, estão muito próximos das narrativas de viagem, apesar das diferenças que se pontuou em alguns momentos. É importante ressaltar que à viagem realizada pelo diplomata, e que ele não desejava efetuar, se sobrepõe uma outra, aquela que o leva ao encontro de suas raízes, porque o fotógrafo – objeto da mesma – era seu irmão por parte de pai, o que só é revelado no final do romance, quando ele finalmente chega ao termo de sua busca. Mas para que esse encontro fosse possível, o diplomata precisou mergulhar na cultura do *outro*, o que representou uma verdadeira preparação para esse confronto. Ver esse irmão, com quem só havia cruzado em uma única ocasião, lhe oportuniza a sua própria identificação: “Estou há dias sem me

olhar no espelho, e, de repente, é como se me visse sujo, magro, barbado, com o cabelo comprido, esfarrapado. Sou eu na porta, fora de mim. É o meu rosto em outro corpo que se assusta ao nos ver.” (CARVALHO, 2003, p. 176). Mas esta já é uma outra viagem...

Referências Bibliográficas

- BELUZZO, Ana Maria. **O Brasil dos viajantes**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- CAMINHA, Pero Vaz de. Carta a El-Rei. In: CASTRO, Silvío. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 76-98.
- CARVALHO, Bernardo. **Mongólia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CRISTÓVÃO, Fernando. Para uma teoria da Literatura de Viagens. In: ———. **Condicionamentos culturais da Literatura de Viagens**. Lisboa: Edições Cosmos, 1999. p. 13-52.
- GANDAVO, Pero Magalhães. **Tratado da terra do Brasil. História da província de Santa Cruz**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- GIUCCI, Guilherme. **Viajantes do maravilhoso: o Novo Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 1992.
- HARTOG, François. Uma retórica da alteridade. In: ———. **O espelho de Heródoto: ensaios sobre a representação do outro**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- KRYSINSKI, Wladimir. Discurso de viagem e sendo de alteridade. **Organon**, Porto Alegre, n. 34, p. 21-43, 2003.
- NEWIED, Maximiliano de Wied. **Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817**. São Paulo: Nacional, 1940. t. 2.
- SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- THEVET, André. **As singularidades da França Antártica**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.